

## OS ADOLESCENTES E OS USOS DAS REDES SOCIAIS EM CONTEXTO PÓS-PANDEMIA

Yasmin Carretta Penna<sup>1</sup>  
Eduardo Rangel Ingrassia<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho explora a possível influência das redes sociais na formação da autoimagem dos adolescentes em um contexto pós-pandêmico, articulando conceitos psicanalíticos com as dinâmicas digitais contemporâneas. A partir da revisão narrativa da literatura, analisamos o impacto do "desejo do Outro" e do "ideal do eu" para compreender como a demanda por validação nas redes pode intensificar a alienação e o sofrimento psíquico. A pandemia de COVID-19, por sua vez, ao ampliar o uso das redes sociais como principal meio de interação, intensificou a dependência dos jovens desses espaços, que não apenas oferecem pertencimento, mas também reforçam padrões idealizados de existência, afastando o sujeito da possibilidade de integrar suas experiências de forma simbólica. Os resultados sugerem que o imaginário das redes atua como um estádio do espelho tardio, onde a aprovação externa se torna medida de existência para os adolescentes, dificultando o sujeito a perlaborar. Este estudo, portanto, reforça a importância de espaços de escuta e elaboração, promovendo uma desconexão do ideal alienante rumo ao fortalecimento do simbólico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adolescência; Redes sociais; Psicanálise.

### INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, tem-se observado um aumento significativo no uso das redes sociais, especialmente entre os adolescentes. Uma pesquisa realizada pela TIC Kids Online Brasil 2023 revelou que 88% dos brasileiros com idades entre 9 e 17 anos afirmaram possuir contas em plataformas digitais, com uma proporção ainda maior de 99% entre os jovens de 15 a 17 anos. Essas descobertas destacam a crescente influência das plataformas digitais na vida

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Bacharel em Psicologia do Centro Universitário Cenecista de Osório.

<sup>2</sup> Professor Orientador da disciplina de Trabalho de Conclusão do Centro Universitário Cenecista de Osório – 2024/2.

dos adolescentes, moldando a forma como interagem, comunicam-se e constroem suas identidades (Cetic.br, 2023).

Entretanto, essa dependência das redes sociais pode não ocorrer isoladamente, estando ligada aos desafios contemporâneos enfrentados pela sociedade, incluindo a pandemia global que assolou o mundo nos últimos anos (Nic.br, 2023). Com as restrições de distanciamento social e medidas de isolamento em vigor em todo o mundo, os adolescentes tornaram-se cada vez mais dependentes das interações digitais proporcionadas pelas redes sociais para manter contato, buscar entretenimento e apoio emocional, além de continuar suas atividades educacionais (Ibid, 2023). Isso resultou em maior estresse e vulnerabilidade emocional entre os jovens (Urruth; Jaeger, 2022). Nesse contexto desafiador, torna-se crucial compreender o papel das redes sociais na vida dos adolescentes, especialmente durante e após a pandemia. Questões sobre autoestima, identidade e bem-estar emocional estão no centro das preocupações: de acordo com o Instituto Cactus (2023), questões sobre aparência física afetam significativamente a população, com 53% relatando insatisfação nessa área. É preocupante constatar que uma parcela considerável dos indivíduos que se sentem para baixo, deprimidos ou sem perspectiva associam esses sentimentos à sua aparência. Além disso, 82% das pessoas que se sentiram dessa maneira relataram sentir-se feias ou pouco atraentes, sendo que 68% dessas são jovens de 16 a 24 anos (Ibid, 2023).

Já segundo um estudo britânico focado em conteúdos prejudiciais nas redes sociais combinados com as consequências da pandemia, feito pela Stem4 (2022), três em cada quatro adolescentes com apenas 12 anos não gostam do seu corpo e sentem-se envergonhados pela sua aparência, aumentando para oito em cada 10 jovens entre os 18 e os 21 anos.

Desse modo, em meio a tantos fatos significativos, surge o seguinte questionamento: Como o desejo do Outro e os usos das redes sociais influenciam o ideal do eu dos adolescentes, principalmente depois da

pandemia? Em vista disso, é importante destacar que a adolescência é um período marcado por grandes mudanças físicas e emocionais, tornando os jovens possivelmente vulneráveis às pressões sociais e à influência das redes sociais em sua autoimagem e autoestima.

Para mais, as redes sociais continuam a crescer em popularidade, proporcionando um ambiente ativo e dinâmico. No entanto, a busca incessante dos jovens de alinhar-se aos padrões estéticos ou de pensamento pode causar grande sofrimento, uma vez que essas adequações se alteram repentinamente (Fiamenghi; Cerantola, 2021).

Compreender essas complexas interações entre o uso das redes sociais, os desafios da pandemia e os sentimentos de inadequação é essencial para desenvolver estratégias eficazes de apoio à saúde mental dos adolescentes. Este estudo propõe-se a investigar mais a fundo essas questões através de um prisma psicanalítico, oferecendo reflexões que possam orientar possíveis intervenções e políticas voltadas para um suporte mais fundamentado em um mundo cada vez mais digitalizado e em constante mudança.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Ao longo deste capítulo, percorremos os nós que suturam as teorias base da pesquisa, buscando entretecer uma compreensão das vivências adolescentes frente às redes sociais em tempos de pós-pandemia. Partimos da psicanálise para olhar, com delicadeza, para as sutilezas do desejo do Outro e do ideal do eu, explorados por Freud e Lacan, como também o "estádio do espelho" lacaniano, oferecendo uma leitura aprofundada sobre os impactos das demandas externas na construção do Eu adolescente. Atravessamos, também,

as reflexões de Knobel sobre o luto da infância e a busca por um novo lugar no mundo, somando às inquietações de Byung-Chul Han, que aponta as armadilhas do digital e os impactos da velocidade na elaboração subjetiva. Cada autor traz uma peça única para esse mosaico teórico, permitindo-nos

entrevier as camadas que se formam entre as experiências dos adolescentes às dinâmicas de validação, alienação e reconhecimento social que se intensificam nos ambientes virtuais.

### **Breves considerações sobre os usos das redes sociais**

Diante de um mundo globalizado e extremamente tecnológico, as redes sociais emergem como protagonistas na comunicação moderna entre os indivíduos. Com sua capacidade de conectar pessoas instantaneamente, essas plataformas têm o poder de disseminar conteúdo, informações e percepções. Sem contar que, com poucos cliques, é possível se conectar com pessoas que estão distantes de maneira flexível e rápida (Vermelho et. al, 2014).

Segundo Pretto e Silveira (2008, apud Vermelho et. al, 2014), o termo “redes” nos traz a ideia de um entrelaçamento de fios, formando uma espécie de tecido. Santana et al. (2009, apud Vermelho et. al, 2014) complementa a ideia afirmando que as redes sociais online possibilitam a integração dos meios de comunicação, oferecendo um espaço de compartilhamento de fatos e experiências - é um lugar onde cada indivíduo produz e consome conteúdo. Posto isso, devido ao fácil acesso às informações, as pessoas se sentem mais à vontade para compartilhar suas ideias e opiniões (Kotler, 2010, apud Vermelho et al., 2014). Nesse contexto, Santaella (2013, p. 48) argumenta que:

[...] as redes sociais se constituem em ambientes em que cada um tem visibilidade no seu entorno, dependendo do uso que decide fazer dele, é uma constante a intenção de dar-se a conhecer, interagir com se deseja ser visto. A transparência é forçada pelo simples fato de cada cibercidadão poder expressar suas ideias, necessidades, sugestões, críticas ou qualquer tipo de sentimento.

Dessa forma, os indivíduos são costurados nos nós deste tecido, sendo os fios os laços sociais que os conectam, reforçados ou desatados pelas

relações sociais - essas, alimentadas por trocas de conteúdo, em diferentes linguagens e formatos digitais (Vermelho et. al, 2014).

### **Adolescências: o Eu e o Outro**

As adolescências - ou o adole(s)c(er) - são construções culturais. Elas se diferem da puberdade - do biológico. Não faz parte do mundo natural, mas do mundo capitalista (Clímaco, 1991 apud Bock, 2007).

Antes das grandes indústrias, a passagem da responsabilidade era feita através do processo de maturidade criança-adulto. Com a chegada da industrialização, foi necessário especializar e capacitar os operários, oferecendo-lhes espaços de estudo, onde, desde pequenos, aprendem como entrar e se portar no mundo do trabalho (Clímaco, 1991 apud Bock, 2007). Desta forma, foi criada a fase da adolescência: um período de estudo, de preparação para o universo adulto.

Mas, afinal, o que define essa adolescência, moldada por fatores socioeconômicos e culturais? Quais seriam as características em comum que adolescentes em diferentes contextos compartilham?

Antes de responder a esses questionamentos, é fundamental lembrar que a experiência de ser adolescente pode variar significativamente dependendo de fatores como cultura, contexto social e histórico. Assim, é impossível enquadrar todos os adolescentes em uma única definição ou vivência. Para este artigo, utilizaremos a abordagem de Knobel (1981), que trata da “síndrome normal da adolescência” como o conceito central.

Segundo o autor, independente da cultura (que poderá favorecer ou dificultar), os adolescentes passam por um processo universal de troca, onde compartilham uma característica própria da adolescência: ser obrigado a abandonar sua autoimagem infantil, reformulando o que entende sobre si mesmo e (tentar) se projetar no mundo adulto (Knobel, 1981). Assim, a existência e o convívio com esse luto pelo corpo e pela identidade infantil impulsionam uma busca por uma nova identidade - agora o adolescente irá escolher outros como ideais (Aberastury; Knobel, 1981).

Entretanto, para o adolescente lidar com seu corpo de forma saudável, dependerá também da cultura onde está inserido, já que esta comanda os padrões de beleza - inclusive através das redes sociais (Assis; Avanci, 2004). Assim, o conflito só aumenta: além de ter que tentar ser adulto e viver o luto pelo seu corpo infantil, também terá que se conformar com os ideais ditos (e mostrados) pela sociedade digital. Dessa forma, na visão de Assis e Avanci (2004, pág. 63), "tais padrões postergam ou inviabilizam uma plena aceitação de si", podendo fazer com que o adolescente se frustre por não ser igual aos modelos da mídia, dos filmes e das redes sociais (como o Instagram, por exemplo).

À vista disso, o adolescente tem uma necessidade de pertencimento, de compartilhar, de se identificar, de existir e ser. E é a partir da sua inserção em um grupo que será possível uma "superidentificação em massa", obedecendo às ordens (Leis) desse (Aberastury; Knobel, 1981).

Posto isto, conectamos o pensamento de Lacan (1981, pág. 139) de que "o inconsciente é, no fundo dele, estruturado [...] de linguagem". É somente através da linguagem que somos inseridos no simbólico, nos significantes e significados (nossas relações de Lei, seja ela feita por pais, professores, pátria etc.) (Fink, 2018). A rede social é, por sua vez, um certo tipo de linguagem. O que fazemos é para se tornar parte de um sistema, uma sociedade que nos reconheça e que nos permita fazer parte dela (como também acontece nos grupos antes citados, com suas Leis). O que é muito comum na adolescência, onde se procura algo para fazer parte de um grupo, de pares, para ser reconhecido.

Portanto, para ser possível explicar esse fio que costura a demanda do Outro, o ideal do eu e as redes sociais, é preciso ir por um caminho mais complexo e profundo, porque o neurótico se afoga em angústia quando não consegue discernir o desejo do Outro e acaba por se prender à demanda dele - através da sua infância em presumir demandas dos pais, uma vez que o desejo do Outro parental não é acessível (Fink, 2018). Isso acontece porque eles nem

sempre vão dizer o que querem dos filhos. Podem, inclusive, dizer o que não querem e, posteriormente, castigá-los pelos seus erros. E é nesse ponto que, para evitar esse "desamor", a criança irá se questionar "O que eles querem, afinal? O que querem de mim?!" (Ibid, 2018).

Dessa forma, é a partir desse desejo dos nossos pais que desenvolvemos, como Fink expressa em sua obra, "a mola mestra" do nosso. Queremos ser desejados por eles, por esse Outro - já que "O desejo do homem é o desejo do Outro" (Lacan, 1993, pág. 12). É esse desejo que dará forças (e vida) ao desejo do adolescente. O desejo do adolescente será moldado ao desejo do Outro; ele irá aprender a querer os objetos desejados pelo Outro de uma forma com que ele próprio se torne esse objeto de desejo e, por fim, tomará o desejo do Outro como seu (Fink, 2018).

### **As relações entre os sujeitos mediadas pelas redes sociais**

"A guerra que nos reaproximou de nós  
É a mesma que me pôs a repensar meus sonhos  
O quanto neles era só publicidade?  
Fazendo acreditar que eram meus próprios planos"

(Don L - Primavera)

É importante ressaltar que, desde pequenos, somos recheados de demandas do Outro. E dependendo de quem nasceu (e nasce) em um mundo extremamente tecnológico, também tem grandes chances de ser exposto a outra demanda: a do Outro pelas redes sociais e suas imagens.

Lacan (1998) define esse espaço de "imagens" e "idealizações" de imaginário - e ele, por sua vez, é conquistado através de um olhar do outro, através de uma posição alienante (Fink, 2018); Nos exemplifica, inclusive, como isso ocorre através do "estádio do espelho": o bebê, diante da sua própria imagem refletida no espelho de vidro, vê seu corpo (antes fragmentado) se fundir. O espelho, por sua vez, pode ser lido como uma metáfora, já que é o olhar do Outro que me permite ser visto e, se sou visto, existo. Isso se deve ao fato de que quando o bebê se olha no espelho, ele não fala "olha eu!", mas sim "olha

o bebê!". É como se fosse um "quem é esse bebê que está lá?", traduzido como um estado de alienação, onde é um eu alienado que depende do olhar do outro (Ibid, 1998). Essa imagem é internalizada pela ação de aprovação do cuidador primário que segura a criança frente ao espelho ou que a vê fazer isso, resultando em um reconhecimento e aprovação por parte dessa figura, que responde: "Sim, é você! Você é o bebê!" (Fink, 2018).

É por isso que estamos cercados dessas "autoimagens" desde que nascemos. Essas imagens são refletidas para o bebê através de pais, professores, figuras da Lei, que antecipam uma identidade que ainda está para existir (Fink, 2018). Todavia, essas imagens só formam o ego ao serem ratificadas por uma figura importante para a criança (Ibid, 2018). À essa ratificação, Lacan liga ao Ichideal (ideal do eu) de Freud:

A criança internaliza os ideais dos pais [...] e julga a si mesma de acordo com esses ideais. Na verdade, ela internaliza a visão (percebida) que os pais têm dela e passa a se ver como os pais a veem. Seus atos passam a ser vistos como seus pais os veem, e a ser julgados dignos de estima ou de desdém como os pais os julgariam (segundo acredita a criança) (Fink, 2018, pág. 92).

Consequentemente, esse registro é, a partir do estádio do espelho, reescrito pelo simbólico, através das falas dos cuidadores sobre a visão deles da criança. E, assim, o simbólico traz consigo as relações simbólicas, dominadas pelos ideais, pelas leis, pelo desempenho, pela culpa (Fink, 2018).

Mas quando falamos em redes sociais, estamos falando de imaginário, uma vez que esse lugar é ligado às aparências, às imagens e às visualizações. E, assim, todo o processo antes citado se repete: a partir de uma postagem, se recebe (ou não) essa aprovação; e se há uma aprovação, o indivíduo existe. Assim, o ideal do eu surge para ancorar a percepção de si, ligando essa percepção ao reconhecimento por um Outro (Fink, 2018).

Isso posto, por que o adolescente pode "sentir" que "deve" ser igual aos ideais digitais, se adequando a um padrão, como se fosse demandado a ele? Porque essa é a forma como ele acredita que será valorizado pelo Outro, como

aprendeu durante a primeira infância, onde quanto mais satisfizesse as demandas de seus cuidadores primários, maior seria a chance de ter sua aprovação e seu amor (Fink, 2018). Como afirma o autor (pág. 68):

Em termos freudianos, o interesse do neurótico em discernir as demandas de seus pais relaciona-se com a formação do ideal do eu (Ichideal) – os ideais que a pessoa estabelece para si e em relação aos quais mede seu desempenho (em geral, insuficiente). Freud equipara o ideal do eu ao supereu e fala dele como “a primeira e mais importante identificação do indivíduo, sua identificação com os [pais]” (SE XIX, p.31).

Levando em conta que toda demanda que se pede e se exige do Outro é uma demanda de amor, Alberti (2010) irá dizer que nesse contexto, todo adolescente busca reconhecimento. Contudo, esse reconhecimento não é tão forte quanto na infância, já que suas relações sociais se expandiram. Isso leva a crer que as figuras que ele identificava como seus ideais não compartilham mais a mesma relação que seus pais na infância. Assim, "o sujeito pode interpretar que já não o amam mais... razão de intensificar a demanda do amor" (Ibid, 2010, pág. 43).

Todavia, Freud irá dizer que a tarefa mais importante durante a adolescência é se separar de seus pais - mas acontece que os neuróticos não conseguem e continuam à mercê do desejo do Outro (Fink, 2018). Em função disso, Fink compreende que, aos poucos, principalmente no processo analítico, eles se dão conta de que o que se é desejado é proveniente do que alguém quer ou quis. É nesse processo que se identificam como alienados, onde seus desejos, antes de serem sua propriedade, foram de um outro - ou ainda que esses desejos são frutos de um “satisfazer alguém” (Ibid, 2018).

Entretanto, quando falamos sobre tecnologia, percebemos que o sujeito ainda está preso ao desejo do Outro e aos ideais estabelecidos para si. Alberti (2010) conceitua que, dentro do discurso capitalista, o adolescente não é visto como um sujeito, mas sim como uma figura que vive para aproveitar, comprar e promover gozos a partir de dispositivos eletrônicos. Logo, ele mergulha nesse oceano de compras, sites e redes sociais - e isso tudo acontece ao

mesmo tempo em que esse mesmo adolescente é levado a ser promotor desses dispositivos, dando origem a uma imagem de adolescente ideal que, de acordo com a autora, é “aquele que melhor consome e propõe consumo” (Ibid, 2010, pág. 68). Mas se o adolescente ideal é aquele que melhor consome o divulgado, quem escolhe o que deve ser o ideal?

Esses ideais expostos nas redes são muito bem explorados e aproveitados pelo algoritmo (podendo assumir, nesse contexto, esse papel de grande Outro), como nos ilustra Han (2018, pág. 58): “são algoritmos e máquinas que se comunicam entre si e que conduzem guerras.” O algoritmo é o responsável por criar uma rede de informações, que poderão moldar um grupo específico que, por sua vez, irá consumir esse tipo de conteúdo.

E uma vez que nos é pré-selecionado o que iremos ver, até que ponto sabemos o que consumimos? Não é possível discernir, mais uma vez, o que o Outro (aqui as redes) querem do sujeito. Estamos mais uma vez presos entre imagens e informações exteriores... E, novamente, retornamos ao imaginário.

Esse Outro constituído pelas redes não tem corpo, não tem rosto - ele alimenta o imaginário (Han, 2018). Ainda segundo o autor, o celular se torna uma versão tardia do estúdio do espelho, permitindo que o indivíduo se tranque nas imagens e idealizações. E se há um espaço para idealizar, há espaço para tornar-se alienado, repetindo a lógica. Han (2018) retorna as perguntas alienantes do imaginário nesse cenário: "eu estou me sentindo dessa forma porque me ensinaram ou porque é assim que eu deveria estar me sentindo?".

Percebe-se, então, que pouco há lugar para o simbólico e o elaborar. Os dispositivos trazem uma ideia de visibilidade ampla, demandando curto prazo e afastando o lento - não temos mais tempo para deixar que os pensamentos amadureçam (Han, 2018). São vídeos com permanência de segundos na tela, feeds e timelines infinitas e dedos deslizando para absorver a maior quantidade de informações no tempo mais otimizado possível. Bem como

fundamenta Han, "a absoluta prioridade do presente caracteriza o nosso tempo" (2018, pág. 62).

Consequentemente, as postagens se perdem em criar significado - até porque não há nem tempo disponível para isso. Quanto mais otimizado o tempo, melhor: torna-se tudo enumerável. E, o que não é enumerável, não existe (Han, 2018). Por isso, vale lembrar que o sentimento de não existir para o adolescente é angustiante. É preciso se mostrar para ser visto. É preciso ser visto para poder existir. Mas se a aparição do sujeito for lenta demais e demande muito tempo do espaço otimizado das redes (textos e espaços de reflexão), os significados não podem ser espalhados como um contágio - a mídia será lenta demais para isso (Ibid, 2018).

Considerando toda a brevidade das redes e seu impacto dentro das relações do adolescente consigo mesmo e com outros, ainda surge um terceiro elemento: a pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2. Para se evitar o contágio, medidas de isolamento social foram aplicadas e os adolescentes, isolados. Aos que ficaram isolados, poucas opções tinham de interação social - e uma delas, distribuída como solução, seriam as redes sociais. Adolescentes que antes já conviviam com os gadgets, passam a tê-los como uma das poucas fontes de conexão com outras pessoas. Com isso, as redes sociais deixaram de ser apenas uma ferramenta de entretenimento, atuando na mediação das relações interpessoais e na formação da subjetividade adolescente em tempos de crise.

## **METODOLOGIA**

O estudo apresentado está pautado na revisão narrativa da literatura. Conforme Rother (2007), esse tipo de artigo são publicações amplas, que descrevem e discutem o desenvolvimento de um determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual. Ainda segundo o autor, elas constituem em uma análise da literatura publicada tanto em livros, quanto em artigos de revista (impressas e/ou on-line) e na interpretação e análise crítica do autor.

Por meio do viés de análise qualitativo que preconiza “[...] uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” (Denzin; Lincoln, 2010, pág. 17). O delineamento do trabalho se deu de forma a ampliar as possibilidades de estudos vinculadas ao tema.

Sendo assim, esse estudo teve as seguintes etapas para sua elaboração: seleção do tema, levantamento bibliográfico com critérios de inclusão e exclusão, seleção dos estudos e análise dos resultados. Após toda a organização e a construção dos resultados, é finalizada a discussão do estudo.

A pergunta norteadora, que por sua vez conduziu toda a base da pesquisa, foi: Como os ideais digitais podem influenciar (através do desejo do Outro) o ideal do eu dos adolescentes, essencialmente em um cenário de pós-pandemia?

Já os critérios de inclusão foram estudos publicados em português, inglês ou espanhol; estudos que investigaram a percepção dos adolescentes (que utilizam redes sociais) sobre si mesmos e após a pandemia; e estudos publicados a partir de 2020, enquanto os de exclusão foram estudos que não abordaram diretamente a autoimagem dos adolescentes expostos às mídias sociais, bem como estudos com amostras não representativas da população adolescente e em contextos anteriores à pandemia de COVID-19.

Por fim, as bases de dados utilizadas foram: Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Catálogo de Teses & Dissertações (CAPES) e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), gerando um total de 16 artigos, onde potenciais artigos para a avaliação se afunilaram para 14, depois em 9 e, finalmente, em um total de 5 artigos revisados.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A presença do Outro é fundamental na formação do Eu, como afirmam Hasky (2020) e Freud, que argumenta que a dependência emocional no início da

vida estabelece a necessidade de amor e reconhecimento, uma vez "[...] que é decisivo para a criança sentir-se amada por seus pais, ou seja, que ela corresponda a seus desejos, o que transforma a impotência original do ser humano na "fonte primordial de todos os motivos morais" (Pereira, 1999, pág. 129 apud Hasky, 2020, pág. 101). Dessa forma, ao longo da vida, buscamos a troca afetiva e o reconhecimento, assim como os adolescentes, que ao navegarem em um mundo repleto de interações digitais, frequentemente sentem a ausência desse reconhecimento em suas vidas, uma vez que buscamos o outro quando nos sentimos sós (Carneiro, 2007 apud Hasky, 2020).

Cordeiro et al. (2022) afirmam que a identificação com o Outro se tornou um objetivo laborioso para os adolescentes, que se veem em meio a esses padrões estereotipados nas redes sociais. Essa dinâmica é reforçada pelo conceito de ideal do eu, que se alinha ao desejo de ser aceito e reconhecido, tornando as redes sociais um espaço de validação, mas também de pressão intensa. Isso se deve ao fato de que, embora esse adolescente procure se afirmar como um ser único, adaptando-se às suas próprias preferências, gostos e identidades, a presença e a percepção desse Outro - seja uma sociedade ou uma pessoa em particular - exercerão influência significativa na construção do ideal do eu.

Retomamos, então, a situação do adolescente frente ao seu corpo infantil. Suas relações não são mais as mesmas, não se é mais dependente dos pais; o Real da puberdade bate à porta, solicitando a devolução de um lugar de pertencimento pré-determinado; o luto assume o lugar de toda construção inicial de sua autoimagem que antes foi constituída com base na autoridade parental (Greco, 2011 apud Cordeiro et al., 2022). Conforme dito pelos autores (pág. 1376), "absolutamente só, o adolescente se confrontará com um lugar vazio [...] que ele terá que elaborar [...] para tratar a dimensão singular do desejo e produzir daí um sujeito responsável por seu gozo". Desta forma, o jovem agora deve se apoiar no ideal do eu, para "seu reconhecimento

simbólico e imaginário frente ao Outro" (Greco, 2011 apud Cordeiro et al., 2022, pág. 1377).

Nesse momento, o adolescente mergulha em um oceano desconhecido, sentindo-se deslocado, sem pertencimento. Esse sentimento dá início à busca por representatividade e pertencimento - e, também, ao possível uso das redes sociais para atingir esse objetivo (Cordeiro et al., 2022). Na verdade, a probabilidade de isso acontecer é extremamente alta (Fiamenghi-Jr; Cerantola, 2021). Como elas oferecem grupos passíveis de identificação, o adolescente busca ser aceito pelo grupo que se identificou. E as redes irão fazer seu papel de formação da autoimagem do indivíduo, abrindo portas para que ele possa pertencer a algo; e as chaves para abrir (ou trancas para fechar) serão controladas pelos feedbacks positivos ou negativos dos seus semelhantes - além de seu próprio julgamento e exposição (Cordeiro et al., 2022).

Sob essa ótica, Byung-Chul Han (2018) faz uma analogia entre os dispositivos eletrônicos e o conceito lacaniano do "estádio do espelho", posicionando esses aparelhos como parte do imaginário. Da mesma forma, Dunker (2017, apud Hasky, 2020) correlaciona a substituição de um Outro biológico por um Outro digital – metálico e plástico. Esse Outro digital, segundo o autor, se manifesta por meio da oferta e da incitação, submetendo as crianças a novas formas de relação social. Com isso, as redes sociais se tornam, para muitos, uma solução frente à decepção com o Outro, uma decepção que surge a partir da angústia e do sentimento de inexistência de quando o Outro nada oferece. É por isso que, nesse contexto de inexistência, as telas emergem também como um meio de existência: multiplicam as possibilidades de exibição e de visibilidade (Sibilia, 2008, apud Alves; Lazzarini, 2020). Além disso, Alves e Lazzarini (2020) destacam que a profusão de telas e a busca por visibilidade têm moldado a subjetividade contemporânea, onde a construção da identidade é mediada por interações virtuais. Essa relação se torna alienante, pois o indivíduo é chamado a aparecer para existir, e essa lógica se intensifica

nas redes sociais, onde o reconhecimento é imediato e efêmero. Ou seja, se o adolescente não postar as fotos da forma que se é esperado (padronizado, por assim dizer), ele não existirá: se não foi postado, então não aconteceu (Fiamenghi-Jr; Cerantola, 2021).

Em um contexto em que tudo ocorre de maneira rápida e instantânea, pouco tempo se há para elaborar (Han, 2018). Isso colabora com a ideia de Santos (2019 apud Alves; Lazzarini, 2020), onde a autora relata que muitos analisantes não conseguem mais descrever suas queixas e demandas. O simbólico, mais uma vez, é enfraquecido devido à noção de instantaneidade das tecnologias. Por outro lado, essa dinâmica da brevidade e a busca por curtidas e aprovação trazem à tona a angústia de não conseguir corresponder às expectativas: "novamente em frente ao espelho, é nas imagens virtuais que o eu revisita sua alienação primordial, o que faz ressoar seu passado inconsciente nas relações estabelecidas virtualmente em seu presente" (Alves; Lazzarini, 2020, pág. 136).

Logo, a sua natureza efêmera e a velocidade com que informações e tendências circulam nas redes sociais podem ser prejudiciais ao público adolescente, que já enfrenta uma fase de instabilidade emocional (Fiamenghi-Jr; Cerantola, 2021). Ao tentar acompanhar rapidamente as novas modas e padrões, o jovem muitas vezes não tem tempo suficiente para se adaptar, o que gera uma sobrecarga de influências externas, podendo se perder entre tantas referências, sem conseguir distinguir claramente o que faz parte de si e o que é imposto pelo Outro (Ibid, 2021). Esse processo leva a uma angústia profunda, pois o adolescente teme não corresponder às expectativas e não ser desejado pelos outros – um medo que está ligado, como ressaltam os autores, ao desejo do Outro.

Deste modo, Levisky (2002) discute a crise da adolescência, caracterizada pelo desinvestimento da vida infantil e pelo reinvestimento nas funções egóicas. Essa transformação pode resultar em sentimentos depressivos e crises de identidade, já que a imagem do Eu não corresponde mais ao ideal

projetado (valores éticos, morais etc.). A defasagem entre o ideal do eu e a realidade vivenciada pelos adolescentes é frequentemente agravada pela comparação constante nas redes sociais, que promovem padrões de beleza e comportamentos estereotipados. Assim, toda essa angústia dificulta o adolescente a se sentir bem consigo mesmo dentro das suas próprias possibilidades (Ibid, 2002).

Em vista disso, deve-se ter em mente que a percepção do sujeito sobre sua autoimagem é um conceito adquirido. De acordo com Fiamenghi-Jr e Cerantola (2021), esse conceito pode ser modificado, já que é constituído através da relação com o outro. E é assim que as redes sociais se tornam terra fértil para a busca de um corpo ideal, onde o adolescente já compreende as características que o agrada e que deseja possuir (Ibid, 2021). Por tais razões que é possível entender as redes sociais como um grande Outro; que ordena, que aceita e que recusa - tal como indicado pelos autores: "a plataforma é que apresenta e faz esse papel de exibir a imagem que se espera transmitir, para que seja aceito, reconhecido e desejado" (Ibid, 2021, pág. 240).

Por fim, Fiamenghi-Jr e Cerantola (2021) ressaltam que a busca por padrões ideais nas redes sociais pode gerar uma crise de identidade no adolescente, que se vê pressionado a atender a esses padrões para ser reconhecido, visto que "caso esse jovem seja altamente impactado pelos ideais e padrões propostos nas redes, deixando-se levar a todo instante por ferramentas de reconhecimento como: likes, curtidas e comentários, possivelmente as redes sociais (Outro) serão a sua medida de existência" (Ibid, 2021, pág. 242). Assim, os autores afirmam que a experiência de solidão durante a pandemia acentuou essas questões, uma vez que as redes sociais se tornaram um recurso para lidar com essa questão - mas não trazem o mesmo sentido de felicidade e pertencimento que as interações presenciais proporcionam.

Desta forma, quando juntamos todo esse processo de identificação com a pandemia de COVID-19, é possível enxergar o cenário onde a tecnologia

anunciou um incessante sentimento de reconhecimento do outro e a recusa pela experiência de solidão (Alves; Lazzarini, 2020). Ainda mais em uma situação extrema como a pandemia (ou em guerras), onde a participação do outro se torna indispensável no confronto com a realidade (Ibid, 2020). Os autores ainda prosseguem afirmando que o uso desses recursos pode servir como complemento no enfrentamento dessas situações que exigem do indivíduo o gerenciamento de si, inclusive quando se está sozinho.

Portanto, todas essas dinâmicas impactam o desenvolvimento do adolescente, prejudicando a construção de sua autoimagem e sua capacidade de definir os limites entre o que é próprio e o que é influenciado pelo Outro. A forma como ele se permite ser moldado por essas influências pode deixar marcas que persistirão na vida adulta, revelando os traços dessas interações na maneira como ele se percebe e se posiciona no mundo (Fiamenghi-Jr; Cerantola, 2021).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por mais que o ser humano carregue dentro de si ideais tanto da perfeição que deseja ser para si como o molde que o Outro em geral exige desde pequeno, ao longo da vida várias outras (leia-se Outras) influências surgem, de forma exterior. Como o corpo e a sua imagem são constituídos subjetivamente através do outro, o sujeito assume essa imagem: a alienação é o que causa a sua identificação.

Ora, se todo esse processo e interação entre Imaginário e Simbólico é costurado por fibras que se constituem no tecido da linguagem, a rede social também não seria um grande Outro? É interessante analisar como as redes são formas de linguagem, onde cada pessoa administra seus próprios significantes e significados, através de mensagens e postagens. Há, também, o lado imaginário, onde as relações são idealizadas, ligadas à ordem das aparências, das curtidas, dos *views*. São, literalmente, imagens na tela que muitas vezes são modificadas justamente para representar um ideal, e que

chegam até o sujeito com uma carga imaginária tão forte que o prende na instância do perfeito, do impossível, do divino e da fantasia.

O adolescente, por sua vez, vive na espera de um reconhecimento, de um engajamento, em uma construção alienante do sujeito com ele próprio. É lá onde se recebe a aprovação, ou seja, a permissão para continuar existindo. É comum os adolescentes não se sentirem vistos depois de alguma postagem que não atingiu o nível esperado de engajamento, muitas vezes se deprimindo ou sentindo que aquele momento realmente não existiu - por mais que eles tenham vivenciado.

Todavia, as redes sociais em si, juntamente com seus ideais e suas demandas, estão a todo vapor: toda tendência muda muito rápido; o que se é melhor hoje, amanhã é antiquado. O melhor adolescente, por sua vez (dependendo da cultura imposta, muitas vezes, da bolha onde se está instalado), é aquele que melhor irá consumir aquele divulgado, aquele ideal. Então o adolescente padrão é aquele que nas redes se propõe a ser a idealização e personificação das "modas" atuais - essas que mudam repentinamente, a todo momento.

Se tudo ocorrer de forma tão rápida quanto um envio de uma mensagem, como teremos tempo disponível para elaborar? Como podemos (p)e(r)laborar o processo de quem somos, o que combina conosco, o que nos monta e nos constrói? Como o adolescente vai poder absorver tal moda, compreender seu estilo, seus gostos, se não há tempo para isso, já que amanhã a tendência será outra?

Diante disso, se perde o questionamento de quem o adolescente está sendo ali, naquele momento. Consequentemente, se enfraquece o simbólico e retorna-se à alienação ao imaginário. E assim, como é impossível atingir esse ideal (instável, por seu lado), o jovem se frustra e não aceita seu corpo. E isso se agrava com a vinda da pandemia de COVID-19 e o aumento do uso de telas, pois o tempo gasto vivenciando o mundo de fantasias imaginárias das redes se destaca frente às relações físicas.

Assim, a formação do eu, em vista disso, ocorre no imaginário; mas amadurece a ponto de ganhar um sentido alcançado no simbólico. É poder sair da condição alienante, descolando-se do semblante do Outro, descobrindo nosso próprio eu. Logo, nas redes, é poder não estar dependente do olhar extremo da validação, para a existência. Até porque fazer parte de uma sociedade/sistema que reconheça e permita fazer parte, para os adolescentes, é uma parte do seu desenvolvimento. É procurar algo em comum que serve como uma senha para poder entrar em um grupo, de pares, e poder existir.

Já referente às limitações da pesquisa, poucos artigos contemplam a vivência pós-pandêmica dos adolescentes - ao contrário da experiência na pandemia. Há, portanto, poucas pesquisas sobre a relação dos jovens com o aumento do uso das redes relacionado ao isolamento social. Além do desafio de poucos artigos desse período, havia muitos sobre adolescência e muitos sobre redes sociais - mas também uma escassez de pesquisas que englobam essa tríade. Posto isto, é importante ressaltar a recomendação de pesquisas futuras sobre o tema, levando em consideração também o tempo de uso de telas e a influência (ou não) do isolamento social; além da relevância de espaços de escuta nas escolas (em espaços físicos), como livre expressão das angústias e do que os adolescentes presenciam nas redes. Pois é oportunizando que, através da fala, eles possam ter a oportunidade de explorar esse imaginário e, futuramente, elaborá-lo. É sobre poder proporcionar espaços onde o jovem consiga expressar seus desejos e suas insatisfações com o desejo do Outro, através da prontidão de profissionais da educação capacitados.

Assim, aos poucos, os jovens terão tempo para poder compartilhar e simbolizar suas vontades, desejos, sonhos e idealizações. Consequentemente, é através desses espaços e da análise, que se espera que eles consigam romper essa membrana do imaginário rumo ao nascimento do simbólico. Nas palavras do rapper FBC em sua música Dilema das Redes: "*Uh, pare de falar com o espelho (apenas desisto e unfollow).*"

Ao se identificar com o reflexo que as redes oferecem, o sujeito pode permanecer preso à alienação imaginária, tornando-se refém de uma validação que nunca se completa. Assim, a busca pela desconexão do estádio do espelho tardio, representa não apenas o ato de 'parar de seguir' (*unfollow*), mas uma possibilidade de ruptura com a lógica alienante das redes. Isso simboliza um movimento em direção ao Simbólico, onde o sujeito pode elaborar suas próprias significações e construir um Eu menos dependente dos moldes impostos pelo Outro, possibilitando que, ao invés de seguir cegamente os ideais, encontrem o próprio caminho para existir e simbolizar seus desejos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artmed, 1981.

ALBERTI, Sonia. **O adolescente e o Outro**. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q. **A visão que os adolescentes têm de si: imagens nos espelhos**. In: Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e na adolescência [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. Criança, Mulher e Saúde collection, pp. 49-80. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/vdywc/pdf/assis-9788575413333.pdf>>. Acesso em: 4. set. 2024.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 11, n. 1, p. 63–76, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100007>>. Acesso em: 4 set. 2024.

CETIC.BR. **TIC Kids Online Brasil 2023: Crianças estão se conectando à Internet mais cedo no país**. [S. l.]: CGI.br, 24 out. 2023. Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/tic-kids-online-brasil-2023-criancas-estao-se-conectando-a-internet-mais-cedo-no-pais/>. Acesso em: 9 abr. 2024.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FIAMENGHI-JR, Geraldo A.; CERANTOLA, Julia A. F. **Redes Sociais E Impactos Na Subjetividade Do Adolescente Na Pandemia**. Saúde Mental

No Século XXI: Indivíduo E Coletivo Pandêmico, [s. l.], v. 1, ed. 1, p. 225-243, 1 abr. 2021. Disponível em: <<https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/210102788.pdf>>. Acesso em: 9 abr. 2024.

FINK, B. **Introdução clínica à psicanálise lacaniana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

INSTITUTO CACTUS. **Panorama da Saúde Mental**. São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://panoramasaudemental.org>>. Acesso em: 09 abr. 2024.

LACAN, J. **O estádio do espelho como formador da função do eu**. In LACAN, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. P. 96-103.

LACAN, J. **Le séminaire, livre III: les psychoses**. Paris: Seuil, 1981.

LACAN, J. **O seminário, livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995.

LACAN, J. **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.

KNOBEL, M. **A síndrome da adolescência normal**. In: ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. Adolescência normal. Porto Alegre: Artmed, 1981. P. 24-62.

NIC.BR. **Dependência digital não está em seu auge mas pode piorar, diz psicólogo**. [S. l.]: CGI.br, 7 nov. 2023. Disponível em: <https://www.nic.br/noticia/na-midia/dependencia-digital-nao-esta-em-seu-auge-mas-pode-piorar-diz-psicologo/>. Acesso em: 22 abr. 2024.

ROTHER, E. T.. **Revisão sistemática X revisão narrativa**. Acta Paulista de Enfermagem, v. 20, n. 2, p. v-vi, abr. 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Intersubjetividade nas redes sociais digitais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

STEM4. **Social media triggers children to dislike their own bodies, stem4 survey finds**. London, 2022. Disponível em: <<https://stem4.org.uk/social-media-triggers-children-to-dislike-their-own-bodies-stem4-survey-finds/>>. Acesso em: 9 abr. 2024.

URRUTH, G. de S.; JAEGER, F. P. **Prevenção e saúde mental dos adolescentes: fatores de risco frente às dificuldades vivenciadas na Pandemia da COVID-19.** Research, Society and Development, [S. l.], v. 11, n. 10, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i10.32857. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/32857>. Acesso em: 9 abr. 2024.

VERMELHO, Sônia Cristina; VELHO, Ana Paula Machado; BONKOVOSKI, Amanda. **Refletindo sobre as redes sociais digitais.** Educação & Sociedade, v. 35, n. 126, p. 179–196, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/4JR3vpJqsZLSgCZGVr88rYf>>. Acesso em: 13 set. 2024.